

CADERNOS DA «SEARA NOVA»

BIOGRAFIAS

ÉLISÉE RECLUS

(UMA FIGURA MORAL)

POR

EMÍLIO COSTA



772

*Separata de artigos
da «Seara Nova» n.ºs 201, 339 e 340
visados pela Comissão de Censura*

AHS

772

LISBOA

1933

9-08

ÉLISÉE RECLUS

IMPRIMERIE DE LA LIBRAIRIE GÉNÉRALE DE FRANCE
15, RUE DE LA HARPE, PARIS

00772

CADERNOS DA «SEARA NOVA»
BIOGRAFIAS

ÉLISÉE RECLUS

(UMA FIGURA MORAL)

POR

EMÍLIO COSTA



*Separata de artigos
da «Seara Nova» n.ºs 201, 339 e 340
visados pela Comissão de Censura*

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPOGRAFIA DA SEARA NOVA
CALÇADA DO TEJOLO, 37-A — LISBOA

LISBOA
1933

Recordando

ARTIGO PUBLICADO NO N.º 201 (1930)
DA « SEARA NOVA ».

Passou, no dia 15 de Março, o centenário do nascimento de Élisée Reclus. Não me consta que, no nosso país, esse facto tenha sido motivo de qualquer cerimónia, mesmo das mais simples, de homenagem ao grande geógrafo, nesta terra de homenagens e comemorações. Creio que nos outros países, se alguma coisa se fêz, deve ter sido tão insignificante, que não mereceu a pena duma notícia nos jornais. Os geógrafos, os sábios, as grandes figuras representativas da vida intelectual, bem podiam ter-se lembrado... Mas, pensando bem, melhor foi que se tivessem esquecido. ; Para que se haviam de lembrar? Para se produzirem uns discursos, em que banais palavras elogiosas seriam ditadas por um sentimento que se poderia traduzir assim: Faço, por dever, elogios ao geógrafo, mas entendo que o homem merecia a fôrca.

Se lhes parece!... Élisée Reclus, com o seu vasto saber, desprezava honrarias — não fingia desprezar, desprezava-as — vivia pobre, preferia a

companhia, a convivência dos operários, dos camaradas em idéias, dos discípulos de boa-vontade; não confundia a legalidade com a justiça, nem a autoridade com a razão; e, ainda por cima, proclamava-se abertamente um libertário, um anarquista. Nestas condições, ¿ que poderiam pensar do autor da *Géographie Universelle*, de *L'Homme et la Terre*, da *Histoire d'un Ruisseau* e das cartas que êle escrevia aos amigos — talvez o melhor dêle — que haviam de pensar dum homem assim, os importantes, os condecorados, os conspícuos, os conceituados, os variadíssimos consagrados da nossa sociedade?

A primeira vez que falei com Reclus, foi no seu Instituto Geográfico, de Bruxelas, numa das suas *causeries* das quintas-feiras. Ali estava êle, com quatro ou cinco discípulos, a quem chamava colaboradores. Uma sala pequena, onde se trabalhava no que mais interessava a todos, numa benéfica atmosfera de cordialidade, de camaradagem. Depois de lhe dizer quem eu era e donde era, sentei-me e ouvi.

Daí a pouco, falou-se, a-propósito, de Sagres, da origem dêste nome, e veio à baila, naturalmente, o infante D. Henrique e os descobrimentos. Então, Reclus, com o ar mais natural dêste mundo, disse que, visto estar ali *un jeune homme portugais*, poderia o dito *jeune homme* dizer-lhes

alguma coisa sôbre colónias portuguesas. Fiquei sem pinga de sangue! Passou-me pela cabeça, em dois ou três segundos, o arrependimento doloroso de lá ter ido, a idéia idiota de fugir ou de me fingir incomodado, a aula de geografia do liceu, com 12 anos, e a visão do meu saber sôbre colónias, semelhante ao da maioria dos portugueses, e que é formada dêstes quatro elementos principais: calor, pretos, palmeiras e homens com capacetes brancos, em sítios arenosos, para onde vão e donde veem paquetes. Tudo isto era acompanhado desta idéia clara e confrangedora: « que reles figura tu vens aqui fazer! » Como se diz em certos romances, isto passou-se muito mais rapidamente do que se descreve.

Como não havia de estar calado, disse qualquer coisa, assim como uma confissão de que não poderia dizer coisas interessantes, pois não esperava, não estava preparado...

Reclus salvou-me com duas ou três perguntas directas, sôbre coisas tão simples, que até eu as sabia, e com o ar de quem se estava a informar para ratificar ou rectificar o que sabia! Depois êle continuou a falar, e eu fiquei à vontade.

Que simplicidade, que compreensão das situações, que bondade sem affectação, a amenizar aquêle imenso saber! E que diferença quando se pensa em tantos pirilampos que a gente para aí vê, a imparem de prosápia e de pseudo-ciência!

Como tudo isso vai longe, e como o nome de Élisée Reclus soa fracamente ao ouvido da gente moça! A guerra tudo baralhou.

Os idealistas, os que lutam por idéias e doutrinas, dirigem as suas simpatias para as soluções autoritárias, para os governos de força, fazendo da ditadura, com qualquer rótulo, a expressão da doutrina que os anima. Não se pode exigir que eles, e ainda menos os que à vida só pedem bem-estar material, entendam, que *sintam* o lema que guiava a mocidade de Élie Reclus, o irmão mais velho de Élisée: *Surtout, libre-toi de réussir!* ou a frase equivalente de Élisée: *Soyons toujours des vaincus!*

Estas coisas são olhadas como sentimentalismos, pieguices, que fazem sorrir os admiradores doutrinários dos Mussolini, dos Maurras, e dos Lenine (1). O que é preciso é vencer, impor-se, e quanto mais depressa melhor. Uns, na política, para satisfação das suas doutrinas de mando; outros, na vida corrente, para gozarem como sibaritas. Nem uns nem outros compreendem estas palavras de Élisée a uma jovem discípula: «Os novos supõem facilmente que as coisas podem mudar com rapidez, por meio de bruscas revolu-

(1) Refiro-me aos que, arrastados pelo temperamento, dão toda a sua simpatia à força opressora, fazendo dela um sistema de acção política.

ções. Não, as transformações operam-se lentamente e, por isso, é preciso trabalhar para elas com tanta mais consciência, paciência e dedicação.»

Ao sábio não perdoavam os burgueses as suas idéias revolucionárias, e entendiam, como o *Figaro*, que Reclus, na sua qualidade de sábio, não se devia ocupar de política. Reclus escreveu-lhe perguntando: «Se nós tomamos a política na sua mais elevada significação, que é o cuidado pelo bem público, ¿porque não poderá o homem de ciência ocupar-se dela? E, além disso, ¿onde começa o «homem de ciência»? ¿Quantos sábios poderia citar-vos, que se ocuparam de política, sem que os seus contemporâneos os censurassem por isso? Ou então, ¿devem-se louvar os que triunfaram conquistando o poder e as honras, e censurar os que conhecem a prisão ou o exílio? Evidentemente que não é êsse o vosso pensamento».

Evidentemente que era! Como Reclus teria sido para todos os *Figaros* um sábio completo, se em vez de anarquista e de homem a contas com a polícia, tivesse sido um sábio neutro, género sábio cágado, ou consentisse em pôr o seu saber ao serviço duma função governamental! Se assim tivesse acontecido, o dia 15 de Março não teria passado ignorado.

Mas não podia ser. Pois se, até na hora da

morte, Élisée Reclus se mostrou revolucionário! Quási na agonia, chegou a notícia, aos que o rodeavam, da sublevação dum dos barcos da esquadra russa do Mar Negro, em 4 de Julho de 1905. Alguém, creio que o sobrinho Paulo, procurando dar-lhe uma derradeira consolação, disse-lhe: «O couraçado *Knias Potemkin* sublevou-se». Reclus ergueu a cabeça e, como que electrizado, exclamou: «*Ah! c'est la révolution! La révolution!*»

Como tudo isso vai longe!...

Uma figura moral

CONFERÊNCIA (DA SÉRIE PROMOVIDA PELA UNIVERSIDADE POPULAR PORTUGUESA, SÔBRE «GRANDES FIGURAS MORAIS CONTEMPORÂNEAS»), LIDA EM 10 DE MARÇO DE 1933.

Em primeiro lugar, desejo explicar-me sôbre o facto de ter aceitado contribuir para a série de conferências que a Universidade Popular Portuguesa promoveu, sôbre *Grandes figuras morais contemporâneas*.

Pertenço ao número dos que não prestam um grande culto aos indivíduos, pois não professo a doutrina do *grande homem*, no sentido de que são os chamados grandes homens os mais fortes propulsores ou causadores dos grandes movimentos sociais. Não discuto se tenho ou não razão, nem creio que essa discussão, que tanta vez tem tido lugar, seja de grande utilidade, pois cada um dos que discutem fica, em regra, dentro do seu campo, nada chocado pelos argumentos do adversário.

Não vá, todavia, concluir-se das minhas palavras, que nego qualquer influência ao grande homem, na marcha da vida social, o que seria, afinal de contas, absurdo, desde que não podemos negar, por demasiado evidente, a influência que os

homens exercem uns sôbre os outros, e que a vida social é a combinação das vidas individuais. Longe de a negar, nada me custa admitir que a influência dos grandes homens seja maior que a do comum dos mortais, embora este ponto não deva constituir uma verdade axiomática, e possa, pelo contrário, ser objecto de discussão interessante.

Ora, se há um campo onde a minha maneira de ver se me afigura mais acertada ou, se assim o quiserem, menos errada, é o da moral. Creio que é fácil mostrar, ou demonstrar, a influência dum Newton, dum Galileu, dum Pasteur, no campo da ciência; a dum Camões, dum Cervantes, dum Goethe, no campo da literatura; a dum Miguel Ângelo, dum Beethoven ou dum Velazquez, no campo da arte, sendo tanto mais fortes estas influências quanto mais se evidenciam nos particularismos, nas especialidades, nos vários ramos das ciências ou das artes.

Se perguntarmos, porém, qual a influência que, no campo da vida moral, aquêles homens exerceram, a resposta é muito mais difficil de dar, se não impossível. E, no entanto, todos êles foram homens morais, tiveram a sua moralidade, como tôda a gente a tem. Se é difficil admitir que qualquer dos transeuntes que encontramos na rua, seja um escritor tão grande como Shakespeare, um quimico como Berthelot ou um escultor como Soares dos Reis, admitimos, todavia, que possa rivalizar com êles, ou outros de igual grandeza,

no campo da moral, isto é, na honradez, na lealdade, na dedicação, no altruismo, em tôdas essas manifestações, enfim, da vida moral, e a que chamamos o carácter. Neste campo pode o rústico igualar ou exceder o mais illustre, e a sua influência exercer-se, correspondentemente, num âmbito que se não pode avaliar.

Não se deve, portanto, confundir uma figura moral com uma figura histórica, isto é, confundir o relêvo científico, literário, artistico, político, etc. dum homem, com o seu relêvo moral.

Mas se, como já disse, todos os homens teem a sua moralidade, como todos, por mais simplista que ela seja, teem a sua filosofia, alguns há que merecem, mais do que outros, a designação de «figuras morais». Porquê? Porque as condições da sua vida, os trabalhos que realizaram, os puseram em tal destaque, que, como vulgarmente se diz, tôda a gente, pelo menos tôda a gente culta, os conhece. São nomes que andam, ou andaram, debaixo dos olhos ou nos ouvidos de milhares e milhares de indivíduos. O que se disser desses homens chama, por isso mesmo, mais a atenção e exerce maior influência. É por esta razão que, querendo-se educar pela sugestão do exemplo, se escolhem, quâsi sempre, os indivíduos mais em destaque, mais notórios, mais célebres.

No campo especial da vida moral de que aqui nos ocupamos, as grandes figuras morais são, a meu ver, os representantes de tôdas as outras,

das obscuras, daquelas que, por não se conjugarem nelas as circunstâncias que as levam à notoriedade, não podem, por desconhecidas, servir de exemplo educativo. ; Quantos heróis do carácter não há espalhados pela massa dos individuos que passam despercebidos, nas suas funções modestas e até humildes ! ; Quantas provas de grandeza moral, na dedicação, na abnegação accidental ou de todos os dias, na lealdade, no desinterêsse ao serviço da família, dos concidadãos ou dum ideal !

Quanto a mim, o que todos a esta sala vimos fazer é prestar sincera homenagem a êsses milhares de obscuros, porque é a êles, pelo seu grande número, que se deve, de-facto, muito mais que aos outros, o aperfeiçoamento dos homens, a sua ascensão lenta, mas real, para uma existência mais digna de dar satisfação à ânsia de progresso, ao ideal de perfeição que a sua inteligência já pode conceber. É a todos êsses modestos, obscuros heróis do progresso humano, que nós prestamos homenagem quando enaltecemos os que foram ou teem sido alguns dos mais illustres representantes da humanidade.

* * *

A-pesar-de nos entendermos muito bem, sem mais explicações, sôbre o que seja uma figura moral, creio não ser inútil acentuar o que entendo

por essa expressão, visto que, se todos teem a sua moral, nem todos são, a meu ver, figuras morais, mesmo que se trate de individuos dos mais famosos, dos mais illustres, dos mais influentes na vida das colectividades. Tanto isto é assim, que as opiniões divergem na apreciação dos homens, vendo uns, numa determinada personalidade, um alto exemplo a seguir, outros, nada vendo nela que os interesse, e outros ainda vendo até o contrário do que vêem os primeiros. Para só citar alguns nomes, basta observar as divergências de apreciação—no ponto de vista moral, é claro—que giram em volta dum Cromwell, dum Pombal, dum Napoleão ou dum Bismark. É difficil, por exemplo, não afirmar que, evocando o nome de Filipe II, o sentimento que essa evocação provoca é o duma real antipatia pela régia personagem. E, todavia, não há muito tempo que eu li algumas páginas onde se afirmava a bondade de coração e a dedicação familiar do frio e duro monarca, o famoso *Demónio do Meio-Dia*.

Não é difficil descobrir, em todos êsses homens, traços de valor moral, sob qualquer aspecto, que surpreendem, por vezes, os que se esquecem da complexidade da natureza humana. É por tudo isto que eu julgo dever determinar, para o nosso caso, o que entendo por uma figura moral. Uma figura moral é o individuo que norteia a sua vida pela concordância das acções e das palavras com o pensamento e que dirige os seus actos pensando

mais no bem dos seus semelhantes do que em si próprio e de espírito alheio a riquezas ou honrarias.

Foi por assim conceber as figuras morais que aceitei vir falar-vos, hoje, de Élisée Reclus, pois aquela concordância de vida e aquele objectivo revelam-se nêle, no mais alto grau.

Não vou enaltecer Élisée Reclus com palavras elogiosas, porque isso nada significa. Adjectivos de elogio podem dirigir-se a quem quer que seja ou a-propósito seja de quem fôr, sem que o alvejado pela lisonja fique sendo, por virtude dela, aquilo que se diz que éle é. ¿Pois não andam por aí os mais lisonjeiros nomes, alvejando tanta gente cujo valor científico, literário, artístico, moral, etc., consiste apenas nos adjectivos com que amigos e interessados os mimoseam? Contento-me, portanto, em mostrar o que foi Élisée Reclus, cujo nome respeito demasiadamente para o agredir com êsses tão sonoros e desacreditados adjectivos.

*

* *

Disse alguém, estabelecendo analogia com as curas que certos doentes fazem nos sítios altos, que privar com Élisée Reclus era fazer uma cura de altitude moral. As opiniões de quantos o conheceram, reforçadas com a qualidade das pes-

soas que as emitem, são demasiado concordes, para que possa haver dúvidas sôbre a grandeza moral de Reclus; e o facto torna-se indiscutível quando, pelo conhecimento da sua vida, vemos aquelas opiniões plenamente confirmadas. É que essa grandeza moral reflecte-se em tôdas as circunstâncias da sua vida, quer se trate da sua actividade nas mais simples formas, como as do ganhapão cotidiano, quer o vejamos nas manifestações do seu ideal social.

O aspecto moral das idéias que éle professava foi muito bem acentuado nas seguintes palavras de Bakounine, escritas em 1871, a seguir à Comuna:

«Os dois irmãos Reclus são dois sábios e, ao mesmo tempo, os homens mais modestos, mais nobres, mais desinteressados, mais puros, mais religiosamente devotados aos seus principios, que eu tenho encontrado na minha vida. Se Mazzini os tivesse conhecido, como eu, ficaria convencido de que se pode ser profundamente religioso, sendo-se, ao mesmo tempo, um ateu.

«São, por excelência, homens do dever, dever que cumprem sempre integralmente.»

De-facto, em qualquer das fases ideológicas ou filosóficas da vida mental de Élisée Reclus, nota-se sempre um certo fundo religioso, tomando êste termo no sentido dum profundo e inabalável sen-

timento de cumprimento do dever. Êle próprio o mostra quando, numa carta dirigida a um desconhecido, diz:

«Sem dúvida, considerais-me como um ser religioso, porque sabeis que eu tenho a noção do dever, e que tôda a minha ambição é cumpri-lo; mas a religião, tal como, geralmente, se comprehende, ¿pode existir para aquêles que contam precisamente, como um dos seus deveres, o de viver sem Deus, o de expulsar da sua vida, como restos impuros, tudo o que nos fica da falsa educação e das alucinações infantis? Eu procuro medir bem os meus passos e interrogar a minha consciência, em tôdas as minhas acções. Depois da satisfação de ter enveredado pelo caminho direito, a maior que eu experimento é a de me ver aprovado pelos seres que respeito e que estimo. Sinto o laço de solidariedade que me une a êles e, por êles, a tudo o que vive e sofre. Se trabalho para ser bem senhor de mim, é para servir os outros, e se me empenho em ser forte, é para poder dedicar-me o mais possível, visto que tudo tendo recebido dos outros, tudo lhes devo restituir.

«Mas, para isso, a minha consciência me basta; não quero investigação no mundo do desconhecido. Todo o esforço que eu empregasse em sondar o insondável, em comprehender o incompreensível, seria um inútil gasto de intelligência; tôda a espe-

rança numa vida futura, ou um vago desejo de recompensa, seria uma perda de virtude.»

A feliz expressão de Bakounine, que «se pode ser profundamente religioso, sendo-se, ao mesmo tempo, um ateu», traduz o fenómeno mais interessante da evolução mental de Élisée Reclus e de seu irmão Élie. Ambos herdaram tôdas as grandes qualidades do pai, e separaram-se dêle no que mais profundamente o caracterizava: uma grande fé religiosa. Esta co-existência duma profunda idéia moral no cumprimento do dever e dum consciente e arraigado ateísmo, mostra-nos bem como a moral e a religião são cousas diferentes, que nem se excluem, nem forçosamente se combinam no mesmo individuo.

*

* *

Élisée Reclus nasceu a 15 de Março de 1830, em Sainte-Foy-la-Grande, na Dordogne, onde nasceu, dois ou três anos antes, seu irmão Élie, o mais velho, ficando Élisée, o segundo duma série de doze filhos. Entre estes contam-se alguns que deixaram certo nome, como Onésime, geógrafo, e Paulo, cirurgião.

Numa biografia de Élie, escrita por Élisée, temos idéia do meio de austeridade da casa paterna, o qual deve, certamente, ter influído na formação

moral dos filhos. Vê-se bem, pelo seguinte episódio, referido nessa biografia, que os dois irmãos tinham a quem sair.

«O pastor Reclus gozava, em Sainte-Foy-la-Grande, duma alta consideração, não só pelas funções que desempenhava junto da igreja protestante, mas como professor de mérito.

«Todos o consideravam muito, tanto pelo seu valor, como, e principalmente, pela situação que adquirira, pelas relações de família e grandes ambições que lhe atribuíam, o que elle teria realizado se tivesse querido. Mas o pastor Reclus não era um homem vulgar, que se contentasse em viver segundo a sociedade. Elle teve a estranha fantasia de querer viver segundo a sua consciência.»

Basta olharmos em tórno de nós, vemos o que é a vida corrente, para verificarmos a verdade que há nestas últimas palavras, dum certo humor pessimista. Procurar viver segundo a própria consciência é, na verdade, estranha fantasia!

«Ora essa consciência — diz-nos Reclus — via-se atormentada pelos escrúpulos. Preguntava a si própria se um ardente apóstolo dêsse Cristo «que não tinha, sequer, uma pedra para repousar a cabeça», possuía o direito de gozar dum ordenado do Estado, que o poder temporal lhe garantisse o bem-estar, a abastança. Atormentado por

esta e outras interrogações semelhantes, debateu-se, amargurado, na dúvida, até que, vencedores os escrúpulos de fé cristã, o viram, um belo dia, grave, resolutivo, sufocando as lágrimas, dizer adeus aos seus fiéis, aos seus amigos, aos seus parentes, montar a cavallo, levando consigo seu filho Élie, e partir na direcção do sul, em companhia dum belo e desempenado camponês, que viera expressamente trazer-lhe o convite dos cristãos da sua região, para os ir pastorear e viver assim com os recursos próprios da sua missão de pastor de almas.»

Note-se que a distância, assim percorrida, de Sainte-Foy-la-Grande a Orthez, nos Baixos-Pirinéus (para onde elle foi), é dumas 50 léguas!

Em Orthez viveu o pai de Élisée Reclus rodeado dum imenso respeito pela sua vida de apóstolo. Neste apostolado era secundado por sua mulher, a qual, tendo a seu cargo um lar de magros recursos, onde os filhos se sucediam rapidamente, levava a dedicação a abrir uma escola, onde as crianças acorriam de alguns quilómetros em redor. Conta-se, de boa fonte, que M.^{me} Reclus, já perto dos 70 anos, reconheceu que havia uma lacuna na instrução que ministrava: não sabia física. Resolveu aprender o necessário e, no fim dum ano, ensinava física aos seus discipulos.

*
* *

Não podemos seguir, passo a passo, a existência de Élisée Reclus. Limite-me, portanto, às principais fases da sua vida, que são, sempre, de acção moral, sob qualquer aspecto.

É nos anos que decorrem dos 12 aos 20 que se opera, nos dois irmãos, a evolução mental que os separou por completo das idéias religiosas do pai e foi a causa do mais profundo desgosto que, certamente, êste sofreu na vida.

O pastor Reclus, desejoso de assegurar aos filhos uma educação em que os estudos clássicos fôsse ciosamente conduzidos e vigiados pelo espirito cristão, resolvera confiá-los a professores que êle supunha animados do mais puro cristianismo. Foi assim que Élisée partiu, aos 12 anos, para o colégio dos irmãos Morávios, em Neuwied, na Alemanha, onde já se encontrava Élie; que frequentou depois o colégio protestante de Sainte-Foy-la-Grande, e, por fim, a Faculdade protestante de Montauban. Desta última escola foram um dia os dois irmãos convidados a sair, por um acto de indisciplina, que se manifestara por meio de uma viagem ao litoral do Mediterrâneo, feita sem permissão.

Algum tempo depois encontramos Élisée em Berlim, convencido de que, decididamente, a geografia e as aventuras de viajante tinham, para êle,

muito mais encanto do que a teologia. Nesta altura, numa idade em que o pai tinha, talvez, calculado que êles se encontrassem aptos a seguir-lhe o exemplo, na propagação da fé e da prática cristãs, estão os filhos num campo diametralmente oposto. Desde então abriu-se um fôssco profundo entre o pai e os filhos, que, embora suavizado pela amizade, não deixou de constituir uma triste e dolorosa separação. ; Curioso e estranho resultado o desta influência escolar, produzindo efeitos tão contraproducentes! Deve ter, com certeza, contribuido para êsse resultado o facto — apontado por Élisée — do pessoal dessas escolas ser, em espirito cristão e em qualidades morais, o contrário do que o pai julgava, na sua ingenuidade de apóstolo.

*
* *

A resolução tomada por Élisée Reclus de ir para Berlim, sujeitar-se às contingências duma existência cheia de incertezas, abandonando uma carreira prometedora duma vida de sossêgo e de bem-estar mais prováveis, em nada o abalava.

A pobreza, desde a casa paterna, foi a companheira constante da sua vida. Simplesmente, essa pobreza, que tantos sofrem revoltados ou tristemente resignados, alguns há, raros, que sabem sofrer-lhe de ânimo alegre. Élisée Reclus era dêsses.

São numerosas as passagens, na sua corres-

pondência, onde se revela essa conformação alegre com a pobreza, que, algumas vezes, atingiu um grau que não é exagerado classificar de miséria. Foi sempre, neste ponto de vista, o mesmo estudante que, em Berlim, quando seguia as lições do grande geógrafo Karl Ritter, se conservava um dia, ou mais, na cama, por não ter sapatos para sair ou vestuário apropriado para se resguardar do frio. Uma vez que uma quantia de 200 francos, enviada por sua mãe, se tinha extraviado, elle escreveu-lhe a dizer que via, na perda dêsse dinheiro, uma justa punição pela sua pouca aptidão a bastar-se a si próprio.

O verão de 1851 — tem elle 21 anos — encontra-o em Berlim, onde começava a criar uma situação e úteis relações. Élie, que acabara os seus estudos em Estrasburgo, convida-o para irem os dois passar algum tempo a Orthez, com a família. Como de costume, esta viagem faz-se a pé, viagem, como tantas outras, cheia de incidentes, de lições, as melhores lições que Élisée Reclus podia receber, para fazerem dêle o geógrafo que depois se revelou.

É depois de estarem em Orthez que se produz um acontecimento que origina mudança brusca na existência dos dois irmãos, obrigando-os a expatriarem-se. Foi o golpe de Estado de Luiz Bonaparte, a que elles, já então convictos democratas, respondem procurando organizar a resistência na região. Naturalmente, o seu ardor e a sua since-

ridade republicana, não encontram grande eco na população, ficando elles sendo alvo das *atenções* do poder central. Conseguem escapar a essas *atenções* e, sem grandes dificuldades, desembarcam em Inglaterra. Começa, então, para Élisée Reclus a época talvez mais movimentada e aventureosa da sua vida, senão a mais interessante.

Depois duma estada em Londres, onde ganham a vida dando lições e gastando a maior parte do que ganhavam no auxilio a companheiros do exilio, ainda mais pobres do que elles, vão os dois irmãos para a Irlanda: Élie como preceptor numa família, e Élisée, a quem a agricultura atraia, como administrador duma exploração agrícola.

É na Irlanda que começa a manifestar-se o geógrafo, como, quinze anos depois, elle conta, no seu célebre trabalho *A Terra*, dizendo-nos: «O livro que hoje aparece comecei-o há quasi quinze anos, não no silêncio do gabinete, mas na livre natureza. Foi na Irlanda, no cume dum montículo sobranceiro ao Shannon. Estendido na erva, ao lado duns restos de muralha, que fôra, outrora, um resto de fortaleza, e que as plantas humildes demoliram pedra a pedra, gozava docemente dessa imensa vida das cousas, que se manifestava pelo jôgo da luz e das sombras, pelo estremecimento das árvores e o murmúrio da água quebrada contra os rochedos. Foi ali, nesse lugar ameno, que nasceu, em mim, a idéia de contar os phenomenos da Terra, e, immediatamente, tracei a lápis um

plano da minha obra. Os raios oblíquos dum sol de outono douravam estas primeiras páginas e faziam agitar-se sôbre elas a sombra azulada dum arbusto balouçado pelo vento.»

Êste amor à natureza, à terra mãe, que fêz dêle um dos maiores, se não o maior geógrafo descritivo, revelou-se sempre em tudo o que escreveu.

Com 73 ou 74 anos, um ou dois anos antes de morrer, escrevia, depois duma excursão no Jura: «A-pesar das chuvas freqüentes e das trovoadas, pude andar, galhardamente, e conservar o bom-humor, pela boa comunhão com o céu, as nuvens, os pinheiros e a relva. Aprecio sempre, profunda e intimamente, o bom calor do sol, o sussurro das fôlhas, o sôpro do vento, a nobre sonoridade dum belo verso e, sobretudo, a acariciante infiltração duma palavra amiga.»

Da Irlanda, atraído pelos grandes espaços, que, na América, se ofereciam à sua sêde de actividade, e levado pelo amor às viagens, que eram, para êle, como mais duma vez afirmou, uma imperiosa necessidade, parte para os Estados-Unidos, a bordo dum veleiro, em condições económicas nada boas. Dizia-se, o que êle nunca desmentiu, que pagou a travessia trabalhando como cozinheiro de bordo, ocupação para a qual não teria, certamente, grande aptidão. Chegado a Nova-Orléans, os projectos agrícolas, de que ia animado, quebraram-se de encontro à realidade da

vida. Depois duma série das mais rudes occupações, a que a necessidade o sujeitou, resignou-se a aceitar o cargo de professor numa família de fazendeiros, não longe da cidade. Por lá se demorou uns dois anos, até que, atraído sempre pelo trabalho agrícola, se desloca para a Colômbia, para se dedicar à vida de colono.

Ê durante a sua estada nos Estados-Unidos que êle — dez anos antes da Guerra da Secessão — pôde estudar a sociedade no regime da escravidão, «ver, como êle diz, os negros passando como sombras ao lado dos cidadãos, não tendo direito algum que o branco tivesse de respeitar, comprados e vendidos como bêstas de carga, sem nome civil, postos à margem de tôda a justiça, da sociedade, da família, pois os seus filhos pertencem ao senhor.»

Permanece na América do Sul até 1857, voltando para França, depois de uma amnistia, mais geógrafo e viajante do que nunca, e desiludido das emprêsas agrícolas, nas quais a sua inabilidade para o negócio e manejos financeiros se manifestara exuberantemente. São dêste período muitas das suas cartas mais interessantes, onde se revela o geógrafo apaixonado pela natureza, o bom-humor e a bondade constantes.

Ê nos três volumes da sua correspondência que melhor podemos conhecer esta figura moral, e são êles que constituem a sua melhor biografia. Ê uma leitura que recomendo a todos que a não

tenham feito, porque, além do mais, encontra-se ali o estilista admirável da *Geografia Universal* ou da *História duma Montanha*.

Os anos que ele passa em França, até 1870, são dum trabalho mais regular e harmónico com o seu saber e temperamento. A sua ocupação consiste em viajar, para descrever o que vê, em várias publicações, como: *Revue des deux Mondes*, *Revue Germanique*, os célebres guias *Joanne*, etc.

A proibidade intelectual de Reclus levava-o a não descrever um lugar que não tivesse visitado ou, pelo menos, cujas informações não fôsem de absoluta garantia. Isto levou-o a viajar tôda a vida, fazendo dêle, como ele próprio se classificava profissionalmente, «um viajante-geógrafo». É durante êsse tempo que ele escreve essa série de admiráveis trabalhos: *Viagem à Sierra Nevada de Santa Marta*, *A Terra*, *História duma Montanha*, *História dum regato*.

Mas surge 1870 — a guerra franco-alemã e o cerco de Paris.

Durante o cerco, Reclus alistou-se nos serviços dos aerostatos, dirigidos por Nadar. A proclamação da Comuna faz dêle um comunalista. Alista-se como combatente, enquanto seu irmão Élie — incapaz de combater, por não poder fazer uso duma das mãos, atrofiada, anos antes, por uma queda desastrosa — tomava a seu cargo a

conservação da Biblioteca Nacional. Se hoje podemos apreciar e utilizar muitas das riquezas que ela encerra, a Élie Reclus o devemos, porque, com um trabalho insano e perigos constantes, conseguiu pô-las a salvo dos efeitos dos combates e dos incêndios. Élisée foi preso, com as armas na mão, numa sortida infeliz dos federados. Sofreu, então, os maiores tormentos. Conduzido de prisão em prisão, é, como tantos outros, socado, vexado, maltratado por tôdas as formas, pelos reaccionários e damas elegantes de Versalhes. É, depois, condenado à deportação. Esta condenação provocou, em Inglaterra, uma emoção tal, que levou sessenta e um dos mais ilustres sábios e literatos inglêses, à frente dos quais se encontrava Darwin, e aos quais se juntaram trinta e nove outros, a formular uma petição, para que essa sentença se não executasse.

São dêsse documento estas nobres palavras:

«Nós pensamos que a vida de Élisée Reclus pertence, não só ao país que o viu nascer, mas ao mundo inteiro, e que, reduzindo ao silêncio um homem como êle, ou mandando-o estiolar longe dos centros de civilização, a França não faria senão mutilar-se e diminuir a sua legítima influência no mundo.»

Em 15 de Fevereiro do ano seguinte foi a pena comutada em dez anos de exílio, sendo Élisée Re-

clus, depois de sete meses e meio de prisão, transferido de Versalhes para Paris, e de lá para a Suíça, numa carruagem celular e algemado, como se faz aos mais perigosos facinoras.

Começa, então, uma nova fase na sua movimentada existência, mais uma vez fora do seu país. Nesta altura da vida chega êle à maturação mental, tendo-se firmado as suas opiniões politicas e sociais. Os dias decorrem, como anteriormente, em viagens, realizadas em vista dos seus trabalhos geográficos. Estes tomam então a forma de uma publicação monumental — a sua célebre *Geografia*, e, mais tarde, a de outra — *O Homem e a Terra*. Pode dizer-se que são estes dois trabalhos que ocupam o resto da sua actividade científica. O primeiro dá-lhe um renome universal, e o segundo, *O Homem e a Terra*, obra admirável de geografia social, é o digno coroamento duma vida consagrada à ciência e ao bem dos homens.

É em 1874 que se inicia a publicação da *Geografia Universal*. Durante 19 anos, a livraria Hachette publica, em cada ano, regularmente, um desses formidáveis volumes, de grande formato e de muitas centenas de páginas. Kropotkine, que seguiu, como colaborador e amigo, êsse trabalho, calcula que Reclus deve ter consultado uns mil trabalhos, entre volumes e artigos, por cada volume da sua *Geografia*. Levava a sua probidade científica a consultar uma obra, só para introduzir

uma ligeira modificação no texto, como a substituição dum termo por outro, mais preciso, mais próprio. Êsses dezanove volumes, quando bem considerados, representam um tal labor que dá, na verdade, como diz Nadar, a impressão da vertigem.

Foi em serviço da *Geografia Universal* que Reclus esteve em Portugal, em 1886 e 1887. A descrição do nosso país, num dos primeiros volumes, é, como tôdas, cheia de exactidão e encanto literário, constituindo um belo documento do que é o Portugal geográfico e dos usos e costumes daquele tempo.

O Homem e a Terra, seis grandes volumes, ocupam-lhe os últimos anos da vida, tendo acabado de rever as últimas provas nas vésperas de falecer.

*

* *

A notoriedade de Élisée Reclus provém ainda de outra origem, mais sentida ou notada, para muitos, do que a científica: são as suas opiniões sociais. Reclus é considerado como um dos mais marcantes anarquistas do seu tempo, que é aquêle em que as idéias anarquistas chegaram ao apogeu, tanto pela sua difusão como pelos seus principais representantes. Estes constituíram uma das mais ilustres falanges de ideólogos que a evolução das

idéias sociais tem conhecido. Todavia, não foi a obra doutrinária de Reclus que o colocou entre esses representantes da idéia, pois ele, na verdade, pouco doutrinou. Tanto assim é, que Eltzbacher, no seu livro, bem conhecido, sobre as doutrinas anarquistas, não o inclui como um dos seus representantes. Apenas um volume: *A Evolução, a Revolução e o Ideal Anarquista*, dois pequeninos folhetos: *A meu irmão camponês*, e *A Anarquia e a Igreja*, e não sei se alguma cousa mais, foi o que ele publicou.

¿ Como se explica então a sua grande notoriedade como anarquista, e o lugar elevado que, entre os doutrinários da idéia, ele ocupou? Explica-se pelo aspecto moral das suas opiniões e dos seus actos.

*

* *

¿ Que era a Anarquia para Êlisée Reclus? «A Anarquia—diz êle—é a vida sem senhores, tanto para a sociedade como para o indivíduo; é o acôrdo social provindo, não da autoridade e da obediência, da lei e das suas sanções penais, mas da associação livre dos indivíduos e dos grupos, de harmonia com as necessidades e os interesses de todos e de cada um.»

Êle afirmava-se anarquista, mas também comu-

nista, nada tendo com os individualistas, como se vê destas suas palavras:

«Pela sua própria designação, o anarquista-comunista ou, se se quizer, o anarquista-socialista vê, no homem, tanto um ser social como um indivíduo. Os únicos anarquistas que assim não podem pronunciar-se são os anarquistas-individualistas, que dizem: «Eu só, e é bastante.» Mas êsses são raros; e não há, entre nós e êles, outra semelhança, além da do nome.»

Mas o anarquismo de Reclus era profundamente impregnado da relatividade das condições humanas, o que o levava, naturalmente, a uma grande tolerância, no tocante à orientação de cada um. Por isso êle escrevia:

«Cada um de nós tem o seu carácter, os seus instintos naturais, o seu temperamento; por consequência, a conduta corrente deve variar entre os indivíduos. Desde que esta conduta seja sempre bem pensada e sincera, e que, nos anarquistas, seja inspirada pela compreensão da liberdade pessoal e da solidariedade entre camaradas, não há nada a dizer. O indivíduo, cujas mãos estão atadas, não procede da mesma maneira que aquêle que tem as mãos livres. Eu admiro o homem altivo, que nunca curvou a espinha, que diz sempre bem alto o que pensa, que tem sempre a mão

erguida para castigar, e cuja vida se passa na prisão. Mas admiro também o homem inabalável, que nunca fala fora de propósito, que pesa as suas palavras, para lhes dar todo o valor, e que as pronuncia somente quando espera delas um bom resultado para a propaganda; o homem que sabe esperar a sua hora, para proceder com eficácia, mas a quem nada no mundo pode fazer diminuir a força de ânimo.»

Mas enganava-se quem, conhecendo a sua tolerância, o seu bom humor, a sua bondade e a sua doçura, o julgasse um intransigente adversário do emprêgo da violência. A êste respeito, exprime a sua opinião, nas seguintes palavras duma carta dirigida a um tolstoïano:

«Dizeis estar em desacôrdo comigo, porque eu, longe de ser um tolstoïano, defendo o uso eventual da força. É certo; mas eis em que condições, meu amigo: quando se trata da defesa do fraco. Vejo um animal torturado, uma criança em quem batem, uma mulher maltratada, e se eu sou bastante forte para o impedir, impedi-lo-ei. Devo essa atitude a todos os fracos, para que sejam respeitados. Mas, podeis objectar-me: — «Se a força tem de ser admitida como meio de suprimir a força, quem há-de decidir do seu emprêgo?» — Quem? Eu, evidentemente, visto que sou um ser consciente. É a mim que compete,

na minha conduta, saber, então, exactamente onde acaba a defesa, no ponto de vista da solidariedade humana, e onde começaria a vingança. É aí que eu devo parar, porque aí começaria a reacção. Mas ser o mais forte, e servir-se da sua força para fazer falar o amor, tal é a conduta normal do anarquista.»

A preocupação constante de Reclus era o acôrdo das acções com as idéias, nunca se esquivando a praticar o acto harmónico com o pensamento, quaisquer que fôssem as consequências. Num tempo em que os usos legais e os preconceitos sôbre a constituição da família tinham muito mais força do que actualmente, casando-se Reclus, pela segunda vez, fê-lo dispensando qualquer acto legal. Casou-se livremente, mas sem ocultar o acto, dando à declaração da sua união a presença de algumas pessoas amigas. A primeira vez que se casara, ainda consentira, embora sem entusiasmo algum, na sanção legal. Mais tarde casou, diz-se, as suas duas filhas, nas mesmas condições de liberdade. Quanto a esta ocorrência, há uma pequena distinção estabelecida por Reclus, que mostra bem, digamos assim, o seu feitio moral. Numa carta dirigida a Alfredo Naquet, que lhe escrevera a-propósito do caso, diz: «Peço licença para lhe notar um engano seu. Eu, de maneira nenhuma, «casei — como me diz — as minhas filhas, substituindo a consagração paterna à consa-

gração social». Não. Apenas tomei nota da vontade das minhas filhas, quando elas entenderam unir-re livremente. Se, numa reunião de amigos, consenti em lhes falar sobre a significação do seu acto, é porque elas me tinham pedido esse testemunho de afeição paternal. Quando, alguns anos mais tarde, uma das minhas filhas, que vira morrer, novo ainda, o seu primeiro e querido companheiro, realizou uma nova união, limitou-se a anunciar-me a sua intenção, sem solicitar uma autorização que eu não tinha direito algum de dar nem de recusar.»

Como se vê, Reclus não casou as suas filhas livremente, para dar satisfação à sua maneira de ver; elas é que se casaram livremente, e elle respeitou a sua vontade, associando-se a um acto harmónico com o seu pensar.

*

* *

Para não alongar demasiadamente esta palestra, tenho que limitar-me a indicar, entre muitos, alguns factos, que nos mostram o valor desta figura moral. Há duas ocorrências, contadas por quem as presenciou, que, na sua simplicidade, caracterizam bem a attitude geralmente observada por Élisée Reclus.

«Em 1880, Reclus foi a Saint-Imier (Suíça), fazer uma conferência sobre a Terra e o Homem.

Nós tinhamo-lo convidado para ir defender a Internacional e a nós próprios, então violentamente atacados. O local que nos fôra cedido era o templo protestante. Mas quando Reclus soube em que lugar teria que falar, mostrou-se perturbado, lamentando a escolha feita, que o impediria, disse êle, de se exprimir como o poderia fazer noutro lugar. A idéia de aproveitar a hospitalidade dum local, reservado ao culto, para dizer tudo o que pensava, talvez sobre esse mesmo culto, repugnava-lhe sumamente, obrigando-o a uma reserva que, por cousa alguma, deixaria de manter.

«Nesse mesmo dia, sabendo que um dos nossos melhores amigos — Cartier — estava às portas da morte, manifestou o desejo de o visitar. Eu e três amigos acompanhámo-lo até à cabeceira do moribundo. Reclus falou, como eu nunca mais ouvirei falar. Nós soluçávamos, e Cartier, que ia morrer, estava resplandecente de serenidade. Expirou, poucas horas depois, como um verdadeiro filósofo, feliz por ter sido assim tão docemente acompanhado até à beira do nada.»

Tendo-se decretado, em 1879, uma amnistia parcial, Élisée Reclus foi nela incluído. Recusou, naturalmente, o convite que então lhe fizeram para candidato à Câmara Municipal de Paris, declarando que o seu dever o mandava continuar entre os seus camaradas de exilio. Como não lhe competisse assinar a declaração de protesto, que os

não amnistiados aprovaram, numa reunião, dirigiu-lhes a seguinte carta, que foi publicada nos jornais:

«Eu seria um homem vil, se as minhas primeiras palavras de homem livre não fôsem palavras de solidariedade e de amizade para os meus companheiros de exílio, e para os que, mais duramente castigados do que eu, povoam ainda as prisões e os trabalhos forçados da Nova Caledónia. É entre êsses homens, «cobertos, como se diz, duma eterna mácula», que estão os meus mais nobres amigos, os que eu mais venero, aquêles cuja estima é o meu mais precioso bem. A sua causa é sempre a minha, a sua honra é a minha, e todo o insulto que lhes é dirigido, fere-me no mais profundo do coração.»

Permanece na Suíça até 1889, voltando então para França.

Compreende-se bem que Reclus nunca tenha sido atingido com uma dessas distinções que os governos concedem aos homens de mérito como para os consagrarem. Nunca se lembraram dele para reger, por exemplo, uma cadeira no *Collège de France*. Como alguém preguntasse, a um *habitué* da casa, a razão dêsse facto, foi-lhe respondido: «É que êle nunca a solicitou!»

A Universidade Livre de Bruxelas tinha-o nomeado professor agregado, e convidado para ali dar um curso de geografia comparada. Mas, passado algum tempo, quando se tratou de fixar a

data para o começo dêsse curso, o conselho de administração da Universidade adiou-a *sine die*. Porquê? É que, neste momento, no período agudo dos atentados anarquistas, em que o nome de Ravachol andava de boca em boca, como simbolo do terror burguês, a família Reclus era perseguida, porque alguns dos seus membros professavam idéias anarquistas. Élie Reclus ainda esteve prêso, porque seu filho Paulo se expatriara, embora nada tivesse com os atentados, como se provou, para evitar incômodos com a policia. Os dois irmãos tiveram a sua habitação e os seus papéis revolvidos pela mais minuciosa e vexatória busca policial. No correio era violada a sua correspondência, tarefa a que os empregados (é autêntico) se entregaram, durante cinco anos... por hábito!

Os liberais universitários belgas receberam receber como colega, cuja cooperação tinham manifestado desejar, o perseguido pela policia. Dir-se-ia que o anarquista fizera desaparecer o sábio, que Élisée Reclus já não sabia geografia!

Êste incidente foi a origem da fundação da Universidade Nova de Bruxelas, promovida por um grupo de homens independentes, animados do espirito de revolta contra o preconceito e os interesses inconfessáveis. É a partir de então que os dois Reclus se fixam em Bruxelas, onde, até ao fim da sua vida, ministram o seu saber nessa Universidade Nova, que o terror burguês, por

um efeito contraproducente do destino, fizera surgir.

Estes factos são outros exemplos a juntar a tantos que mostram de que estôfo científico e moral são feitos muitos dos componentes da ciência oficial, dos consagrados pelos diplomas e dos que sabem trilhar os caminhos tortuosos das solicitações.

Os últimos anos de Élisée Reclus foram passados a trabalhar intensamente, a-pesar da doença que o ia minando: uma *angina pectoris*, a que succumbiu em 1905, a 4 de Julho. Foram consagrados esses anos à grande obra *O Homem e a Terra*, às suas lições e à expansão e afirmação das idéias sociais que lhe eram caras. Pode dizer-se que os seus últimos alentos foram consagrados às duas manifestações espirituais que êle mais amou: a ciência geográfica e o ideal de libertação humana. Por uma curiosa coincidência, os 75 anos da sua vida decorrem entre duas datas marcantes na história da evolução política e social da Europa. Nasce em 1830, poucos meses antes da revolução de Julho, que destronou Carlos X, acabando definitivamente, em França, com a monarquia de carácter absoluto, de direito divino. Por tôda a Europa, produzem-se, nesse tempo, movimentos análogos, que marcam o fim do absolutismo político. Morre em 1905, o ano da primeira revolução russa, que deu o golpe de morte no absolutismo czarista, e que foi a precursora daquela que,

doze anos depois, iria inaugurar uma nova época no mundo. Neste ano, pouco depois do massacre de Janeiro, em Petersburgo, apogeu de ferocidade despótica, que marcou, por isso, o começo do declínio do czarismo, foi Reclus convidado a falar em Paris, numa reunião realizada a-propósito dos acontecimentos que se desenrolavam na Rússia. Não resisto à tentação de vos ler algumas passagens do seu discurso, com risco de me alongar mais do que devia, porque elas, como todo o discurso, além duma notável frescura de espirito, dum entusiasmo ardente de idealista sempre moço, evidenciam como que o dom da profecia. O discurso foi lido por outra pessoa, porque Reclus, logo às primeiras linhas, foi, por um abalo cardíaco, obrigado a desistir de ler. São desse discurso as seguintes passagens:

«Certamente, não se pode imaginar espectáculo mais horrível (o do massacre de Janeiro); e, todavia, também lá, neste lúgubre montão de cadáveres, nós vemos, como na Comuna, surgir a imagem do futuro vingador.

«Diga-se o que se disser, Petersburgo tornou-se, como Paris, uma cidade revolucionária, e tôdas as outras cidades russas são arrastadas no movimento.

.....
«A Rússia de amanhã em nada será parecida com a de ontem. As populações oprimidas sa-

bem agora que o antigo Batouchka, o senhor longínquo, desconhecido, misterioso, a quem chamavam «o paizinho», já não é senão um «tchinovkik», um déspota como os outros. A luz fez-se no seu espírito, e a Revolução futura prepara-se no recôndito do seu pensamento. A Revolução moscovita será, certamente, uma daquelas que tomarão lugar, com a Revolução Francesa, entre as grandes épocas da humanidade. Mas, desta vez, não se tratará apenas da entrada dum Terceiro Estado no corpo da nação. O mundo operário reivindica a sua parte de liberdade, como os chamados intelectuais da burguesia, e é mesmo a esse mundo operário, especialmente, que é devida a iniciativa da emancipação. Os camponeses entrarão também no grande movimento, porque a principal causa da instabilidade de toda a nação russa provém da servidão e da injusta repartição das terras. A Rússia sofrerá, no seu conjunto, uma remodelação que atingirá a mais longínqua choupana. Nós esperamos que os nossos irmãos russos, quando chegar a sua própria emancipação, ajudem também a emancipação de todos os povos vencidos e oprimidos pelo czarismo, e que um laço federal os una, assegurando a cada um, seja qual for a raça a que pertença, a plenitude absoluta da sua liberdade. A Revolução francesa proclamou, teoricamente, «os direitos do homem»; nós pedimos à Revolução eslava que faça desses direitos uma realidade viva, e profetizamos-lhe a

alegria de realizar a coisa mais grandiosa da história: a conciliação das raças numa federação cheia de justiça.

.....
«Vós compreendeis, meus amigos, como as vastas perspectivas dessa Revolução nos devem apaixonar, e dar alento para viver. A causa da Revolução russa é a causa da Revolução universal. Nunca houve uma obra com um carácter mais amplamente internacional; nunca um acontecimento de importância mundial se desenrolou num tão vasto domínio!»

E' ainda com palavras de Élisée Reclus que vou terminar a minha palestra — para a terminar bem. Essas palavras, que são conselhos dirigidos a operários, ajustam-se, admiravelmente, à situação actual do proletariado, à de todos aquêles que, no período tão confuso e angustioso em que vivemos, deveriam sentir, mais do que nunca, que a dispersão de forças é a decadência irremediável, a morte.

Em 1902, o célebre jornal revolucionário de Barcelona, *La Huelga General*, pediu colaboração a Élisée Reclus. São da carta que êle escreveu para a redacção, as seguintes palavras:

«Contais, escrevendo-me, com o que eu vos possa dizer, pela minha experiência dos homens

e das coisas. Na minha qualidade de velho, dirijo-me aos novos, e digo-lhes:

«Nada de questiúnculas nem de personalismos. Atendei aos argumentos contrários, depois de terdes exposto os vossos; sabei calar-vos e reflectir; não procureis ter razão, em detrimento da vossa sinceridade. Estudai com discernimento e perseverança. O entusiasmo e a dedicação, mesmo que vão até à morte, não são a única maneira de servir uma causa.»

A melhor prova da justeza destas últimas palavras é-nos dada pela vida de Élisée Reclus, cheia de tantos ensinamentos, que constitue um grande exemplo para os que procuram acertar os actos com as palavras. E' pensando na nossa existência, pensando no mundo que nos rodeia, considerando as dificuldades a vencer, que podemos avaliar o que representa uma vida, vivida como Reclus viveu a sua, e reconhecer a lição contida nestas suas palavras:

«As melhores idéias, expostas por fracos, por incapazes, revelam-se sem fôrça e sem prestígio. E' pelo carácter pessoal que se faz a mais eficaz propaganda.»

Pedidos aos distribuidores:

Editorial Organizações, L.^{da}

Largo Trindade Coelho, 9-2.º

L I S B O A

Telefone 2 7507 Endereço Telegráfico EDITORIAL

